

'Cartas para Deus', um longa spielberguiano

PÁGINA 3



'Coisinha do Pai' ganha versão com a nata do samba

PÁGINA 4



Festival reúne o melhor da culinária dos botequins

PÁGINA 7



2º CADERNO

Aline Arruda/Divulgação



O Clube Das Mulheres De Negocios

Divulgação



Um Dia Antes De Todos Os Outros

Divulgação



A Arca de Noé

Divulgação



Avenida Beira-Mar

Pra frente, Brasil!

Com três estreias engatilhadas para quinta, o cinema brasileiro afirma sua luta por mais cota de tela com uma oferta farta e variada: 18 longas nacionais terão exibição no Rio

NET Botafogo – “Incondicional – O Mito da Maternidade”, de Patricia Fróes, e “Ensaaios Sobre Yves”, de Patrícia Niedermeier -, com sessões respectivamente às 19h e às 21h. Esse contingente há de ampliar a presença do país num circuito que tem Hollywood como seu inquilino mais espaçoso. Isso é o que vem pela frente, é o amanhã, mas, no hoje, nesta quarta, quem quiser se esbaldar de brasilidade tem um prato cheio pela frente, pois há 18 produções feitas em território nacional nas telas. Uma delas,

“Um Dia Antes De Todos Os Outros”, de Fernanda Bond e Valentina Homem, está em pré-estreia, com projeção às 20h30.

Sua exibição integra a grade do já citado Cinemina, que vem lotando o Estação da Voluntários da Pátria nº 88 com narrativas construídas por realizadoras. Os longas de Muylaert e De Simone passaram lá. Na trama filmada por Fernanda e Valentina, a jovem Sofia improvisa rimas com suas amigas na comunidade em que vive, sua mãe, Marli, organiza a desocupação do aparta-

mento de classe média alta em que trabalhou por boa parte da vida como cuidadora. Velhos sonhos e novos planos surgem no horizonte desse último dia de trabalho.

Essa maciça presença do Brasil em múltiplas salas da cidade, com longas de formatos e gêneros variados, vem mobilizando a cinefilia, valorizando a necessidade urgente da ampliação de cota de tela para a nossa filmografia.

A oferta vai ao encontro do pleito feito por Fernanda Torres, a força motriz do fenômeno “Ainda Estou Aqui”, numa postagem do último dia 19, ao celebrar o êxito do drama dirigido por Walter Salles, na qual clamava para o público seguir firme e forte na tarefa de prestigiar a prata da casa em tela grande.

Continua na página seguinte

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Zapeando as estreias deste fim de semana no Ingresso.Com e sites de busca afins, a plateia carioca tromba com três novos títulos brasileiros: “Praia Formosa”, de Julia De Simone (que está com uma retrospectiva de sua obra na Cinemateca do MAM); “O Clube das Mulheres de Negócios”, de Anna Muylaert; e o documentário “Antes Que Me Esqueçam, Meu Nome É Edy Star”, de Fernando Moraes.

Dois outros longas-metragens com o Brasil em seu DNA serão projetados nesta quinta, na mostra Cinemina, do Estação

CORREIO CULTURAL



Divulgação

Fernanda: atuação arrebatadora exaltada nos EUA

Vanity Fair destaca Fernanda Torres como 'ícone global'

A atriz Fernanda Torres, protagonista de "Ainda Estou Aqui", foi assunto de uma reportagem feita pela revista americana Vanity Fair. O título da publicação a exalta como "ícone global" e o texto analisa momentos cruciais de sua carreira, como o prêmio de melhor atriz que conquistou no Festival de Cannes, aos 20 anos, e a re-

lação com a mãe, Fernanda Montenegro.

"Com 'Ainda estou aqui', ícone brasileira Fernanda Torres se torna global", destaca a revista, que ainda resgata os seus trabalhos feitos para a TV e exalta a sua atuação no filme de Walter Salles. "Seu retrato poderoso lhe rendeu um lugar na disputa de melhor atriz."

Em campanha

A matéria explica que Fernanda acaba de finalizar turnê de divulgação do filme em Hollywood, que durou 25 dias. A campanha tem auxiliado a atriz em sua busca por uma indicação na categoria de melhor atriz no Oscar de 2025.

Luto nas letras

José Clemente Pozenato morreu aos 86 anos na noite de segunda (25). Membro da Academia Sul-Brasileira de Letras e da Academia Rio-Grandense de Letras, Pozenato escreveu obras como "O Quatrilho", "O Caso do Martelo" e "A Cocanha".

Em campanha II

Segundo a Vanity Fair, a atriz tem chamado atenção na indústria cinematográfica americana, por conta de sua "performance reveladora". Ela deve retornar aos Estados Unidos logo após a virada de ano, para dar continuidade à campanha no país.

Luto nas letras

Sua obra nais célebre, o romance "O Quatrilho", ganhou uma adaptação aos cinemas dirigido por Fábio Barreto e protagonizado por Gloria Pires e Patrícia Pillar. O longa-metragem foi indicado ao Oscar de Melhor Filme Estrangeiro em 1996.



Divulgação

O longa estrelado por Fernanda Torres e Selton Mello deve chegar à casa dos dois milhões de espectadores ainda esta semana

'Ainda Estou Aqui' puxa a fila de um cardápio extenso e variado

É possível que até sexta (quicá ainda nesta quarta), a adaptação no romance homônimo de Marcelo Rubens Paiva, estrelado por Fernanda Torres e por sua mãe, Fernanda Montenegro, ultrapasse a marca de dois milhões de ingressos vendidos, desafiando a concorrência gringa de "Gladiador II", "Wicked" e "Venom: A Última Rodada".

Assim que a saga da ativista e advogada Eunice Paiva virou blockbuster, ao cravar um milhão de pagantes, sua protagonista, no exterior, em campanha para o Oscar 2025, falou: "Aqui de Malibu Beach, Fernanda ainda em Los Angeles, quase voltando para o Brasil, passando para lembrar o seguinte:

aproveita esse embalo do 'Ainda estou aqui' e vai para outros filmes brasileiros com a sua família. Por exemplo, 'Arca de Noé'. Vinicius de Moraes, pelo amor de Deus, gente! Leva as crianças! E já, já vem aí 'O Auto da Compadecida 2'".

Sua convocação encontra respaldo em vários pontos da geografia carioca, incluindo a Baixada e Niterói. Nas atrações recém-chegadas, lançadas na semana passada, há experimentos dramaturgícos que alcançaram aplauso de festivais do exterior, como o imperdível "Retrato De Um Certo Oriente", de Marcelo Gomes, egresso de Roterdã. Igualmente obrigatório, sobretudo para fãs de horror, "A Herança", de João Cândido Zacharias, brilhou no Festival Macabro, do México,

explorando o assombro nas trilhas do thriller queer.

Revelado pelo Festival do Rio e recém-premiado no Mix Brasil, "Avenida Beira Mar", de Maju de Paiva e Bernardo Florim, veio a se juntar ao bonde de lançamentos brasileiros de 2024 há uma semana. Em seu delicado roteiro, uma menina trans encara asperzas em nome de sua identidade e de sua autoafirmação. Andréa Beltrão é um mimo que o filme oferece à cinefilia no papel de uma mãe obstinada, às voltas com mudanças e recomeços.

Quem quiser suspirar a dois pode encontrar lirismo na RomCom (comédia romântica) mineira "O Dia Que Te Conheci", de André Novais Oliveira. Quem bate palma para a potência de nossa dramaturgia documental vai se refestelar com o engenho de "171", de Rodrigo Siqueira. Para espectadoras/es de dente de leite, uma boa pedida para este dia, além do supracitado "Arca de Noé", é a animação "Zuzubalândia", de Mariana Caltabiano. Tem ainda espaço para o ganhador do troféu Redentor de Melhor Filme de Ficção da Première Brasil (em empate com o ainda inédito "Baby"): "Malu", de Pedro Freire, com horários no Estação na Gávea e em Botafogo. Fora isso, "Ainda Estou Aqui" segue a fazer jus a seu título, arrebatando multidões, com uma baita chance de concorrer à estatueta hollywoodiana que Walter merece desde "Central do Brasil" (1998).

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Mesmo com os pés fincados na Terra, numa trama sobre superação, o set de “Cartas Para Deus” transpirava “E.T.: O Extraterrestre” (1982) por todos os lados, não só dia em que recebeu a visita do Correio da Manhã, numa filmagem na Lagoa, mas em todas as suas rodagens. Mesmo sem seres do espaço em seu enredo, a saga de um menino de 8 anos, Theo (Davi Malizia), em guerra contra um câncer, abria espaços para evocar um dos maiores sucessos de bilheteria de Hollywood – sobretudo a sequência do toque de dedos entre um garotinho e um alienígena - e outros recordistas de público que formaram o imaginário cinéfilo do realizador, ator e dramaturgo carioca Fernando Ceylão.

“Sou o Spielberg do Maracanã”, brincava, enquanto explicava o interesse em fazer a versão made in Brazil de “Letters to God”, filme americano de 2010. “Tem um clima John Williams por aqui”, dizia, citando o compositor e maestro consagrado por trilha como a de “Superman” (1978), de Richard Donner, outra inspiração de Ceylão. “Esse foi um cara singular, que fez ‘A Profecia’, fez ‘Máquina Mortífera’, fez ‘Goonies’. Eu gosto muito de easter eggs (um jargão nerd para ‘referências’) e plantei umas alusões ao ‘Goonies’ nesta história sobre um menino que se corresponde com Deus por meio de cartas. Não é uma trama religiosa, mas sim um drama humano, humanista, onde posso explorar um lado lúdico na premissa de uma criança cujo amigo imaginário é Deus. Tem um pouco do ‘Além da Eternidade’ do Spielberg nisso”.

Uma das situações cruciais do roteiro de “Cartas Para Deus”, adaptado pro Mariana Alvim, é ambientada em um jogo de futebol em que estão a mãe de Theo, Malu (papel de Regiane Alves), e o carteiro Julio (interpretado por Pedro Caetano). A rotina dele, como entregador de correspondência, muda por completo



Fernando Ceylão com o elenco de crianças de ‘Cartas para Deus’

Assim na tela como no Céu

Celebração da amizade, carregado de alusões a Spielberg, ‘Cartas Para Deus’ leva Fernando Ceylão, grife de excelência no teatro e na TV, a se firmar como cineasta

quando tem a missão de dar cabo de missivas que estão endereçadas ao Todo-Poderoso. Ao lê-las, Julio recupera sua vontade de superar desafios.

“Sem se associar a nenhum credo, este projeto vem da minha vontade de falar de fé e conta com um artista com o talento do Ceylão para abordar uma força motriz que é intangível, e passa pela espe-

rança”, diz a produtora do longa, Patricia Chamon (de “Desapega”), que conta com a Paramount Pictures como coprodutora e distribuição da Imagem Filmes. “O elemento da carta nos traz algo de nostálgico, que resgata o valor da escrita, sobretudo entre as crianças, nestes tempos em que tudo é digital. Filmamos na Zona Norte, em Ramos, na Usina, na Tijuca,

buscando falar de valores afetivos”.

Respeitado no teatro por peças do naipe de “Como É Cruel Viver Assim” (filmada por Julia Rezende em 2017) e autor de numerosos roteiros, Ceylão se firma como cineasta à força de longas-metragens que rodou este ano. Antes de “Cartas Para Deus”, fez “Resta Um”, um thriller com tintas distópicas na qual o governo impõe à população brasileira a missão de participar de debates online. Quem perde na troca de ideias toma um tiro. Um professor (vivido por Caco Ciocler), que precisa proteger sua companheira adoentada (Maria Ribeiro), usa de retórica para sobreviver nessas plenárias, mas expõe um lado monstruoso a cada enquete. O titã Daniel Filho integra o elenco.

“É o ‘Coringa’ do Caco Ciocler, a versão ‘Taxi Driver’ dele”, explica Ceylão que, hoje aos 49 anos, ensaia uma guinada radical em sua carreira, muito marcada pelo humor, com participações no programa “Mais Você”, de Ana Maria Braga, e espetáculos teatrais cômicos. “Quando eu era menino, na Tijuca, ia para a escola vestido de Indiana Jones e, uma hora, a direção chamou minha mãe e sugeriu que ela me levasse ao psicólogo, pela minha identificação com

o herói arqueólogo vivido pelo Harrison Ford. Naquela época eu pensei: ‘Como eu não posso ser o Indiana Jones, eu vou ser o cara que está por trás dele, e por trás de ‘E.T.’, e do ‘Tubarão’. Vou ser o Spielberg’. Quer dizer, eu entendi que deveria ser diretor de cinema, ou seja, fazer algo que, pelo menos em parte do trabalho, possa me permitir viver longe da realidade, cercado pela imaginação”.

Preparando uma volta aos palcos (como autor) com um monólogo escrito para Susana Vieira, Ceylão explica que o convite de Chamon para dirigir “Cartas Para Deus” abriu um veio para expandir suas ambições por trás das câmeras.

“Sempre achei que só viria a dirigir filmes que eu concebesse e escrevesse, de modo autoral pleno. De repente, depois do ‘Resta Um’, eu me peguei dirigindo um projeto que não nasceu de mim, e foi uma experiência rica, pois provou que eu posso, também, ser um diretor de encomenda, coisa que o próprio Spielberg e outros contemporâneos dele, de prestígio, já fizeram. A princípio, quando a Patricia Chamon trouxe a ideia, eu me questionei se seria capaz de contar uma história sobre o poder de acreditar, que envolve o simbolismo de Deus. Não tenho preconceito com narrativas sobre religião, mas não sei se saberia fazê-las. Logo, eu me dei conta de que não era um filme religioso, mas sim uma narrativa sobre afeto, amizade. Aí, eu embarquei”, diz Ceylão. “Existe uma divisão muito perigosa no cinema de crer que filme popular não pode ser bem cuidado, defendendo que só projetos ditos autorais tem bastante acabamento estético. ‘Cartas Para Deus’ é um projeto de essência popular com acabamento cuidadoso, com uma cara, com a minha essência. É um filme daquele garoto de 9 anos, que eu fui, e se deu conta de que seu futuro era fazer filmes”.

A poesia que circunda “Cartas Para Deus” é que esse tal garoto carrega consigo toda a excelência que Ceylão provou ter como um multiartista, em múltiplas funções.

Divulgação

Single “Coisinha do Pai” chega às plataformas digitais nesta sexta, dia 29 de novembro, anunciando o lançamento do Sambabook Beth Carvalho e antecipando as comemorações do Dia Nacional do Samba



Dia 29 de novembro, sexta-feira, chega às plataformas de streaming o single que anuncia o tão aguardado “Sambabook Beth Carvalho”, que a Musickeria prepara para fevereiro de 2025. Artistas de diferentes gerações se revezam na gravação de “Coisinha do Pai” (Jorge Aragão, Almir Guineto e Luiz Carlos), um dos maiores sucessos da cantora, responsável por descobrir grandes compositores da nossa música. Junto com o single, o videoclipe com todos os artistas do projeto, captado durante as gravações estreia no canal oficial do Sambabook no Youtube, no esquentando para o Dia Nacional do Samba, comemorado em 2 de dezembro.

Elenco estrelado

O encontro de artistas em um tema emblemático do homenagem é uma tradição desde a primeira edição do Sambabook, dedicada ao compositor João Nogueira. Com Beth Carvalho não seria diferente: Agnes Nu-

Todos pela madrinha

nes, Arlindinho, Diogo Nogueira, Fagner, Ferrugem, Fundo de Quintal, Gabriel Grossi, Hamilton de Holanda, Golden Boys, Jorge Aragão, Luana Carvalho, Leci Brandão, Lu Carvalho, Luciana Mello, Luedji Luna, Maria Rita, Marina Íris, Marcelinho Moreira, Mosquito, Mumuzinho, Nicolas Krassik, Paula Lima, Pérciles, Prettos, Rildo Hora, Seu Jorge, Sombrinha, Teresa Cristina, Xande de Pilares, Zeca Pagodinho e Zélia Duncan, reverenciam a madrinha do samba não apenas em “Coisinha do Pai”, mas em vários outros clássicos que ela eternizou.

Idealizador, curador artístico

“Beth soube garimpar pérolas da nossa música como ninguém”

Afonso Carvalho

e diretor geral de todas as edições do Sambabook - maior plataforma de conteúdo da história do samba -, Afonso Carvalho comenta: “Cheguei a contar para a Beth que o próximo Sambabook seria pra homenageá-la. Além da enorme importância que ela teve para o samba, homenageando a Beth, estamos celebrando também compositores como Nelson Cavaquinho, Guilherme de Brito, Cartola, e tantos outros compositores que ela revelou. Beth soube garimpar pérolas da nossa música como ninguém, foi daí que partimos para criar esta edição do Sambabook”.

Sob a direção musical de

Alceu Maia, a banda que acompanha os convidados da sexta edição do Sambabook reúne grandes músicos do samba, craques que tocaram com Beth Carvalho, com a participação das cantoras Clarisse Grova e Jussara Lourenço no coro. A direção audiovisual é de Carolina Duttra e Pietro Grassia, com cenografia de Zé Carratú.

Pacote completo

Multiplataforma, o Sambabook Beth Carvalho incluirá uma discobiografia, escrita pelo jornalista e pesquisador Rodrigo Faour; fichário de partituras com transcrição dos arranjos originais de diversos sambas gravados por Beth; ambiente na web, com portal, redes sociais e aplicativos especialmente desenvolvidos, além do lançamento do álbum e da versão audiovisual nas plataformas. Após o lançamento, previsto para fevereiro, o projeto será apresentado em formato de espetáculo para rodar as principais capitais brasileiras.

Por Affonso Nunes

O multi-instrumentista, compositor e produtor Ricardo Bacelar possui um estúdio de última geração em sua casa em Fortaleza, o Jasmin, onde recebe vários arrtisyas para trabalhos em conjunto. Mas desta vez ele fez diferente e lança nesta sexta-feira (29) nas plataformas digitais “Aracati”, álbum desenhado a quatro mãos com uma lenda viva: o músico, compositor e arranjador Jaques Morelenbaum. O Correio ouviu o trabalho antes e recomenda este trabalho de rara artesanania.

A bela Aracati, no leste do Ceará, foi ao mesmo tempo cenário e fonte de inspiração para o álbum, concebido e gravado em 15 dias. Bacelar é quem nos conta: “Montei um pequeno estúdio em um quarto, na casa onde nos instalamos: levei o piano elétrico, Jaques o cello, e ficamos imersos naquele ambiente. Passamos uma semana em contato com as dunas, com o mar, com as belezas naturais de Aracati. Conversamos, tocamos bastante, e tudo isso nos inspirou na criação deste álbum”.

Na semana seguinte, Ricardo e Jaques foram para o Jasmin Studio, em Fortaleza, gravar o álbum.

Para Jaques Morelenbaum, a estadia no litoral cearense foi mesmo mágica: “Todas as composições que surgiram durante a nossa estadia em Aracati se relacionam com eventos que se sucederam, como quando a gente compôs ‘Fogueira’. Sentimos a presença do Egberto Gismonti na inspiração da música, até por ser um baião. Durante um evento na praia, quando se acendeu uma grande fogueira, Ricardo e eu ouvimos essa música na nossa cabeça”. O tema ganhou videoclipe, a ser lançado junto com o álbum, no dia 29.

Além das três parcerias que fizeram juntos em Aracati, o novo álbum traz músicas como “Quando a Noite Vem”, a única cantada do disco (Ricardo Bacelar/Giuliano Eriston); “Falésias” (Ricardo Bacelar / Luciano Raulino), além de temas que Ricardo Bacelar e Jaques Morelenbaum já haviam composto, sozinhos. “É importante dizer que, mesmo as músicas que já existiam, foram todas ambientadas nesse universo de Aracati”, pontua Bacelar.

Outra parceria inédita que se relaciona diretamente a Aracati é “Milagres”, como conta Morelenbaum. “Fomos ver o pôr-do-sol num cantinho da praia, e eu deixei os meus pertences em cima de uma pedra alta. Entramos no mar e quando olhei para trás, a maré tinha subido e levado as mi-



Jaques Morelenbaum e Ricardo Bacelar recriam no Jasmin Studio, em Fortaleza, a atmosfera criativa que uniu os dois músicos na bela Aracati, no litoral cearense

Um trabalho de pura artesanania

Jaques Morelenbaum e Ricardo Bacelar se unem em ‘Aracati’, álbum gravado sob a inspiração da bela cidade do litoral cearense



nhas coisas, incluindo o meu celular. Já estava desolado quando o Seu Lucinho, que vive e conhece bem a região, tirou o meu celular de dentro do mar. Acabamos relacionando essa música a esse evento”.

Outro destaque do repertório é “Ca-

minhos de areia”, tema de Ricardo Bacelar, que vai ganhar videoclipe depois do lançamento do álbum.

Jaques e Ricardo se conheceram em 2022, na gravação do álbum “Andar com Gil”, do qual o músico carioca participou na faixa “Prece”, ao lado de Gilberto Gil. Em novembro do ano passado, gravaram juntos “O meio do mundo”, tema de Bacelar lançado como single. Recentemente, Jaques participou como convidado do álbum “Donato”, de Leila Pinheiro e Ricardo Bacelar.

Produzido a quatro mãos, “Aracati”, álbum essencialmente instrumental, traz impresso o DNA de seus protagonistas. Arranjador de artistas como Tom Jobim,

Caetano Veloso, Marisa Monte, Ryuichi Sakamoto e Sting, entre tantos outros, Jaques Morelenbaum é uma referência internacional em seu instrumento. Ricardo, por sua vez, além de multi-instrumentista, cantor e arranjador, vem produzindo, à frente do selo Jasmin Music e do Jasmin Studio, um catálogo com singles e álbuns de artistas como Flávio Ventunini, Leila Pinheiro, Toninho Horta, Roberto Menescal, Fagner, Flora Purim e Aírto Moreira, Delia Fischer e Gilberto Gil, Ednardo e Amelinha, privilegiando a boa música brasileira. “Gosto bastante do resultado final de ‘Aracati’: é um lindo disco de parcerias inéditas e temas que nós dois sugerimos para o repertório”, destaca Bacelar.



Dançando contra a censura

**Projeto Câmbio
traz ao Brasil a
premiada bailarina
iraniana Nastaran
Razawi Khorasani**

O espetáculo é uma criação da diretora, coreógrafa e performer Nastaran Razawi Khorasani, iraniana radicada na Holanda

Por **Cláudia Chaves**

Especial para o Correio da Manhã

Câmbio é um termo que é usado quando se fala em troca. Algo por outro, moedas, mensagens como “Aqui, câmbio”. Mas nenhum deles traduz ganho real, troca de emoções, ganho de conhecimento, fazer diferença. O projeto Câmbio, com a potente e criativa curadoria e produção de Cesar Augusto e Jonas Klabin, tem há mais de 10 anos feito trocas em vários tipos de circunstâncias. Todas sempre inovadoras, um toma lá da cá que mistura artistas, públicos, artes de todas as formas, indo de Nova Iorque, México até a escadaria Selerón, local da sede da Cia dos Atores, onde César, fundador do Grupo, nos apresentava sempre com o que há de melhor

Com foco na dança, o espetáculo “Isso não é uma Dança”, indicado ao Prêmio VSCD Mime/Performance 2024, se apresen-

ta gratuitamente nesta quarta e quinta-feiras (28 e 29), na Sede da Cia. dos Atores.

A obra, nunca antes apresentada na América do Sul, é criação da diretora, coreógrafa e performer Nastaran Razawi Khorasani, iraniana radicada na Holanda da encenação desenvolvida a partir de uma residência artística entre Nastaran e a iluminadora brasileira Adriana Ortiz – que vai colaborar na criação de uma nova iluminação e cenografia para o espetáculo.

No Irã, a dança foi oficialmente proibida desde o início da Revolução Islâmica (1979). Todas as companhias de dança foram forçadas a cessar suas atividades. Nastaran Razawi Khorasani apresenta uma performance de dança que lida com a censura. É uma homenagem ao corpo que quer se mover, um tributo à arte que simplesmente deve ser feita, de qualquer maneira ou formato. O que pode ser mostrado, o que deve permanecer oculto? À medida em

que a música e as luzes se transformam em um frenesi, Nastaran tenta manter seu corpo dançante sob controle, enquanto traz para o palco as vozes de coreógrafos e bailarinos que vivem no Irã.

Câmbio é a possibilidade de diversas trajetórias. Com curadoria e produção de Cesar Augusto e Jonas Klabin, diversas ocupações, festivais e curadorias entre 2010 e 2015 aconteceram no Rio. A primeira edição ocupou o Teatro Estadual Glaucio Gill, de 2010 a 2011; e a segunda, o Teatro Municipal Café Pequeno, de 2012 a 2015. Nos dois teatros, os palcos foram reestruturados e a curadoria criou programações diversificadas, incluindo teatro, música, dança, cinema e festivais. Na primeira edição, foram 60 espetáculos, 394 sessões, 23 mil espectadores e uma nomeação na categoria especial do Prêmio APTR de 2011. Já na segunda, foram cerca de 100 espetáculos, 720 sessões e 60 mil espectadores.

Em 2021, em meio à pande-

mia, o projeto retomou atividades em formato virtual. A estreia on-line foi em fevereiro com duas performances da Stephen Petronio Company (EUA), acompanhadas de um bate-papo com a diretora Monique Gardenberg. Em novembro, a edição on-line ganhou continuidade com a exibição de “La Codista.doc”, documentário sobre o processo de criação da adaptação brasileira da peça “La Codista”, da dramaturga holandesa Marleen Scholten. O outro projeto exibido foi a performance de dança “Round Midnight/Hora Zero” – um intercâmbio artístico entre os coreógrafos Arno Schuitemaker, holandês, e Cristina Moura, brasileira.

A terceira edição pós-pandemia foi realizada inteiramente presencial e gratuita na Sede da Cia. dos Atores, entre agosto e setembro de 2022, e contou com residências de intercâmbio do grupo italiano de teatro de manipulação “Unterwasser”, e do coreógrafo israelense e italiano Andrea Cos-

tanzo Martini.

Em 2024, Cesar Augusto e Jonas Klabin foram responsáveis pela curadoria da programação de teatro, música, dança e audiovisual representativa do Brasil como país convidado de honra do Festival Internacional Cervantino de 2024, em Guanajuato, México, produzido pela APPA Cultura e Patrimônio e com o apoio do Instituto Guimarães Rosa. E fiquem de olho no que vai acontecer em 2025.

“O projeto de residências CÂMBIO promove a interação entre artistas internacionais e locais, gerando criações baseadas na troca de experiências. Nesta edição, realizada na Sede da Cia dos Atores, a participação de Nastaran Razawi Khorasani permitiu aprofundar temas da dança contemporânea, com foco em iluminação e tecnologia, área em que a iluminadora Adriana Ortiz garante alinhamento com nossos objetivos artísticos e curatoriais”, finaliza Cesar Augusto.

Por **Cláudia Chaves**

Especial para o Correio da Manhã

A relação com o botequim, immortalizada na canção de Noel Rosa, resume o espírito dos nossos bares. Conversa sobre cotidiano, com ênfase em futebol e política, observação dos que passam ou que entram. Normalmente, fraternidades se formam nos frequentadores assíduos, amizades muito fortes, encontros, desencontros.

Depois da praia, vendo futebol, jogando conversa fora, o conceito de botequim remonta a um espaço tradicional e culturalmente marcante em países lusófonos, especialmente em Portugal e no Brasil. A palavra tem origem no termo espanhol *botiquín*, que originalmente designava pequenas mercearias ou tabernas. Com o tempo, ganhou uma conotação própria no Brasil profundo, seja nos Jardins, em Ipanema e ou na histórica São João Del Rey.

A cidade do Rio acaba de ganhar um super presente de Natal adiantado. O Festival Botecar chega ao Rio, até 20 de dezembro, com 40 bares que traduzem o melhor do espírito botiquineiro; tradicionais, novos, antigos, petiscos do Leme ao Pontal inspirados em famosas músicas brasileiras, cerveja estupidamente gelada e curadoria de duas botiquineiras de fé Marcella Sobral e Pitty Basílio que importaram de Belo Horizonte o evento.

O time é de peso! Os participantes são: 5ª Categoria, Aconchego Carioca, Adega do Pimenta, Bafó da Prainha, Baixela, Bar Barata Ribeiro, Bar da Amendoeira, Bar da Frente, Bar da Gema, Bar da Portuguesa, Bode Cheiroso, Bar do Momo, Bar do Trotta, Bar Madrid, Bar Maravilha, Bar Urca, Botero, Capiiau, Carioca Deutsch, Casa Porto, Costelas, Enchendo Linguíça, Gato de Botas, Jobá, Jobi, Kalango, Lá na Rosi, Maria Lôca, Otra, Pavão Azul, Petisqueira Martinho, Porco Amigo, Portinha, Quitanda, Real Chopp, Suru Bar, Tô Careca de Saber, Velho Adonis, Xepa e Zuza Fish Bar.

Felipe Quintans, do Bar Madrid, cujo nome do bar já honena-

Seu garçom, faça o favor

Rio promove o Festival Botecar, uma celebração à cultura dos nossos botequins

Fábio Rossi/Divulgação



Bar da Frente

Fábio Rossi/Divulgação



Adonis

Fábio Rossi/Divulgação



Bar da Amendoeira

Fábio Rossi/Divulgação



Adega do Pimenta

Fábio Rossi/Divulgação



Baixela

Fábio Rossi/Divulgação



Aconchego Carioca

geia o ponto de reunião da futura Jovem Guarda, apresenta sua visão do evento. “Madri resolveu fazer essa homenagem ao glorioso Tim Maia, um apreciador de jiló, com o jiló recheado de camarão, que é um prato clássico também de botequim, que é o jiló.”

Dois bares aguardados na cidade abrem as portas e vão receber o concurso: 5ª Categoria, de Sérgio Rabello, do Galeto Sat's, ao lado da Adega da Velha – também da família Rabello –, e o Capiiau, de Raphael Vidal. Os novos Portinha,

Quitanda, Zuza, prometem concorrer como gente grande, de igual para igual. A nova geração de bares estará ao lado de ícones da boemia e patrimônios da cidade, como Bar Urca, Bar da Amendoeira, Bar da Portuguesa, Bar do Momo, Jobi, Pavão Azul, Real Chopp e Velho Adonis.

Felipe Trotta, do Bar do Trotta, se inspirou na música “Naquela Mesa”, clássico de Sérgio Bittencourt, emociona pois fala da saudade de seu pai. Assim como nasceu a ideia do Bar do Trotta, a saudade

do meu avô. E o petisco que a música dá o nome é um resumo do nosso cardápio.” As quatro canoinhas de pão francês, recheadas de ótimo pernil e alichella, as deliciosas receita do avô de Felipe, e de quebra uma canoinha recheada de provolone.

São 18 bares na Zona Sul, 18 na Zona Norte e 4 entre Lapa e Zona Portuária, para percorrer em 30 dias e experimentar os mais variados sabores. Na estreia do festival, os petiscos terão a música carioca como inspiração, que pode ser uma

canção que fale do Rio de Janeiro ou de algum compositor ou intérprete que tenha nascido aqui ou escolhido a cidade para viver. Vale, vale tudo!

A chef Katia Barbosa participa do festival com o Aconchego Carioca (Praça da Bandeira) e batizou o petisco de “Down no High Society”: três pastéis redondos com barriga de porco desfiada com chutney de maçã (R\$ 30), que têm formato de disco voador, para acompanhar a música de Elis Regina. O Bar da Frente, também na Praça da Bandeira, se inspirou num clássico de funkeira Tati Quebra Barraco, o “Tá ardendo, Assopra” (“69, frango assado”): risole de frango assado picante (R\$ 25, 2 unidades); já o Bode Cheiroso, no Maracanã, com o “Bobó de camarão que dorme a onda leva”, um bobó de camarão esperto.

No Real Chopp, um clássico de Copacabana, o petisco será a porção do tradicional bolinho de carne da casa, conhecido como feioso, que ganhou o nome de “O Feio”, música de Roberto Carlos, e a porção com 10 bolinhos sai por R\$ 35. Na Quitanda, bar novo no Catete, da cozinheira Mariana Padrão, o prato escolhido foi “Maxixada da Luz”: maxixe recheado com calabresa e molho de tomate, servido com pão (R\$ 25). Homenagem ao músico e compositor Moacyr Luz. O bar, que tem entre os sócios o cantor e compositor João Martins, já respira música e é frequentado por muitos sambistas da nova e da velha gerações.

Como atire a primeira pedra que é capaz de resistir, fomos ao Portinha, na Prado Júnior comer a pizza de sardinha que é do tempo que esse petisco era comida de festa. A massa alta macia coberta sem dó de molho de sardinha, com muito tomate, 3 pimentões, cebola, nada de queijo. Um deleite à memória e ao botequim de hoje. Esse é o espírito do Festival.

SERVIÇO

FESTIVAL BOTECAR RJ

Até 20 de dezembro
<https://www.festivalbotecar.com.br/rj>
 @festival_botecar

Tecnologia e calor humano. Têm que estar sempre juntos.

Uma empresa que há 42 anos administra
uma liderança imbatível de mercado tem que
entender muito de administração.

Protel. A administração condominial que une
tecnologia com calor humano no atendimento.

Síndicos felizes recomendam.

Vai ser eficiente assim lá em casa.

PROTEL

ADMINISTRAÇÃO DE CONDOMÍNIOS.